



## ARTE PÚBLICA, IMAGEM E CIDADE ENTRE ESTÉTICA E PENSAMENTO: EXPERIMENTANDO *METABIÓTICA*

Miguel Gally\*

**Resumo** – Este ensaio tem como propósito provocar a pensar, viver, refletir e sentir *Metabiótica* (2002-2005), de Alexandre Orion. O ponto central deste estudo introdutório são as relações de força presentes no processo de criação das imagens que tais obras constituem e deixam entrever.

**Palavras-chave:** Estética. Política. Imagem. Arte pública. Comunicação.

I

Estética remete a um domínio ao mesmo tempo vasto e confuso, porque sua extensão está ligada tanto a uma discursividade quanto ao conjunto do que pode ser percebido ou sentido. Entretanto, se ela se trata mesmo de um ou dois domínios, não há convergência óbvia sobre o assunto. Sabemos, contudo, pelo menos desde Kant e de sua *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790, §1, 6, 38-40) que a Estética pode ser entendida como uma disciplina da filosofia desvinculada do conhecimento discursivo e fundada em um tipo de ajuizamento que remete ao conjunto das condições desse mesmo conhecimento (teórico), dando origem a um sentimento, e não a uma sensação relativa àquela dos cinco sentidos. É esse rico e complexo sentimento estético do belo, ao mesmo tempo perceptivo e reflexivo, que fundou, *grosso modo*, um campo especial na cultura ocidental. Ou seja, tem-se nessa Estética especial tanto reflexão (sem algo determinado sobre o que se reflita, porque apenas suas condições estão em questão) quanto percepção (não dos objetos, mas do que sinto quando aquelas condições de conhecer interagem entre si). Outras possíveis Estéticas vincularam-se à compreensão de percepção de propriedades determinadas (a simetria, por exemplo), dando origem às poéticas e às teorias da arte, ou seja, a indicações de modos de se fazer arte que pretendiam antecipar como esses mesmos objetos seriam recebidos ou percebidos. Outras

---

\* Professor adjunto de Estética no Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). Seus interesses relacionam-se a História da Estética, Filosofia da Arte, Teoria das Artes Visuais, Teoria da Arquitetura, Teoria do Espaço, Filosofia da Arquitetura, Estética e Crítica Esportiva. *E-mail:* gallymiguel@hotmail.com

ainda tentaram ver nas obras de arte reflexões sobre o mundo, sejam elas a expressão sensível do espírito de uma época (HEGEL, 2001), sejam incorporações do que se quer dizer sobre o mundo (DANTO, 2003, 2005). Partindo desse panorama simplificado e deixando de lado muitas outras maneiras de se entender Estética, teríamos nessa caracterização geral tanto a presença do pensamento e da teoria quanto da percepção e do sentimento; ou ainda, os dois, um no outro, isto é, pensamento como sentimento (quando se diz algo pelos/com os sentimentos) e sentimento como uma maneira de refletir sobre (quando o sentimento mesmo é que diz algo). Sem se preocupar em separar radicalmente tais domínios e mantendo-se nessa aproximação e confusão, na fusão dessas visões sobre o que e como pensamos ou/e sentimos, gostaríamos de pensar, sentir, ver e viver um pouco do trabalho *Metabiótica* (2002-2005), de Alexandre Orion<sup>1</sup>.

Se quisermos enquadrar tal obra em um dos muitos ramos das artes visuais contemporâneas, deveríamos analisá-la, pelo menos, como aquilo que se tem chamado de arte pública ou de arte de rua, por ser uma intervenção ou instalação na cidade fora dos locais tradicionais de exibição. Com certeza aí reconhecemos traços de *Metabiótica*, na qual um dos temas centrais é a crítica ao espaço do museu passando ao mundo como museu, lembrando Hélio Oiticica e a exposição retrospectiva *Museu é o mundo* (2010). Em todo caso, embora ainda de extrema importância, tal tema não é propriamente o que eu gostaria de abordar, pelo menos não diretamente, porque *Metabiótica* também foi pensada para a exposição realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2005. Mas, quando falamos em arte pública, passamos também por características como impermanência, descontinuidade, momentaneidade, suspensão imaterial, o não heroico ou não espetacular, além de uma discursividade própria das artes de orientação conceitual (HEIN, 1996, p. 2). Nossa atenção estaria voltada, assim, para a maneira segundo a qual a ambiguidade e a confusão que o campo da Estética traz consigo são colocadas em *Metabiótica*, obra ligada tanto ao ver e sentir quanto ao pensar, e, por isso, talvez também ligada ao viver, entendendo a vida como essa confusão mesma de pensamento, sentimentos e percepção.

## II

Na história da filosofia, exceto em seus momentos ecléticos, essa confusão foi vista como nociva, porque eu só poderia me relacionar reflexiva e criticamente com o mundo e a vida me separando dele de algum modo. Essa postura, do ponto de vista da história da metafísica, é clássica para a Antiguidade e também para a Modernidade. Lembremos de quando Platão (1983, p. 244a) afirma que todo mundo conhece (sente/vive) o que é o ser, mas, quando se pergunta pelo que é esse ser que se diz conhecer, não se sabe dizer o que é esse pensamento

---

1 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/>>. Acesso em: 24 set. 2014.

do que é vivido; ou quando lemos na *Crítica da Razão Pura* (1781/1787) que a razão é o tribunal, única capaz de dizer se o que ela dispõe como conhecimento tem alguma legitimidade, sendo, então, investigado o alcance universal das condições de possibilidade desse mesmo conhecimento (KANT, 1980, p. 19, 33 ou 1787, p. XXXV, p. B26). Todos nós já estamos imersos no mundo como seres que pensam, mas isso não assegura que estejamos também pensando sobre/que/como pensamos. Traduzindo isso para termos menos metafísicos: dispomos e usamos conceitos (e assim vivemos), mas o esclarecimento de conceitos é outra atividade, diferente desse uso; essa outra atividade diante dos conceitos é a atividade própria do pensamento filosófico, assim como sugere a filosofia analítica de Ernst Tugendhat (1989), por exemplo. Saindo desse domínio mais tradicional, quando lemos Gilles Deleuze (1992, p. 45) escrevendo que uma tarefa da filosofia é criar conceitos, escutamos um esforço de aproximar pensamento e vida, porque criar conceitos, nesse contexto, exige o plano da imanência ao lado. Na obra escolhida de Alexandre Orion, vejo, também, uma tematização dessa complexa e interessante relação entre vida e pensamento, que tanto provoca e persegue os homens.

### III

Na série *Metabiótica* vemos um conjunto de fotografias que documenta essa obra sendo, ao mesmo tempo, a própria obra, porque, como resultado de um encontro e instante (in) esperado, sua obra só pode ser mostrada se documentada, sendo esse documento igualmente a própria obra, ou seja, não se trata da reprodução como uma mostra repetida do que foi feito, mas da *única* possibilidade de a obra ser mostrada a outros que não ele e as pessoas que estão naquilo que ele propiciou como uma das condições para a realização daquele acontecimento/encontro/instante:



Figura 1 Metabiótica 16.

Crédito: Alexandre Orion<sup>2</sup>.

---

2 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/meta16.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

Nesse contexto, pode-se recolocar o sentido da discussão sobre a aura da obra de arte (BENJAMIN, 1994, p. 167-170 e 180), afinal sua originalidade e autenticidade, como encontro não fotografado, correm o risco de não se tornar obra de arte tal qual Orion propõe, ou seja, como uma obra originariamente pública. Talvez a obra fosse meramente privada se somente ele e os presentes tivessem visto e experimentado aquilo que está para se tornar imagem fotografada, que está para se tornar a obra de arte. Esse caráter público me interessa aqui, porque é a condição para começarmos a pensar no que se viveu naquele momento e, também, a viver o que se pensou dela. É uma provocação para pensarmos no que aquelas pessoas viveram ou experimentaram ao se fundirem com as imagens cuidadosamente desenhadas e, então, fonte de outra(s) imagem(ns) – a da fotografia.

Não se trata de analisar psicologicamente as feições dos presentes naquele acontecimento, mas de ver que tais feições ou ocupações se tornam parte da obra: (im)previsível mais aqui e menos ali. Supostamente, as fotografias não foram encenadas e reúnem um material visual que traduz uma vivência, sendo, pela imagem fotografada, recolocada para que espectadores não diretos do evento possam/pudessem ver e sentir, bem como pensar aquelas imagens. A cidade é o palco escolhido para realizar tais fotografias, um lugar que é, tradicionalmente, o palco da política e das relações de forças que acontecem e no qual a posição geográfica deixa de ser central (e única) para dar lugar a uma abstração como espaço. A pólis grega é (in)visível aos olhos, porque é lugar da prática das forças que constrói coisas. A intervenção na cidade proposta por Orion é (in)visível como essa prática, se observamos que há, na construção das imagens que compõem sua obra, uma disputa (in)visível de forças entre o que é esperado e o que não é esperado para o acontecimento que se tornará o momento fotografado, ou seja, o inesperado tira do domínio de jurisdição do artista o controle do que acontecerá, ao passo que o esperado e previsto assegura o lugar de controle do artista diante do espectador. Esse jogo de forças é comunicativo e político, pois diz respeito a uma vivência comum daquele espaço comum de criação ocupado por dois continentes distintos, ou seja, não estamos entendendo comunicação como transmissão de informação, mas como reunião dos elementos que permitem e provocam algo a ser transmitido – algo que (não) pode ser previsto. Esse jogo ou comunicação espacial é a condição para que informações/interpretações/sentimentos se tornem possíveis, tal o que estou escrevendo...

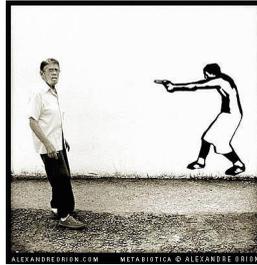


Figura 2 Metabiótica 1.

Crédito: Alexandre Orion<sup>3</sup>.

(In)esperado. Diante da arma apontada, uma surpresa, mãos subindo em direção ao alto e olhar não para a arma, mas para a máquina fotográfica em punho e apontada para o local e a imagem a ser capturados. Fila invisível de pessoas, mas desenhos que completam previsivelmente a cena com a ocupação do orelhão por uma pessoa:



Figura 3 Metabiótica 13.

Crédito: Alexandre Orion<sup>4</sup>.

## IV

Deixando de lado, por um pequeno instante, esse ponto de partida político-comunicativo da construção da imagem, mas tendo como objetivo retomá-lo em breve, podemos recommençar analisando a composição da palavra "metabiótica", não para propor ou seguir sua origem etimológica, mas para encaminhar uma leitura complementar daquela que o próprio artista sugere em seu *site* quando pensa a associação entre metabiose e metabiônica. Aqui, o título da obra também constitui mais uma provocação:

---

3 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/meta01.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

4 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/meta13.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

1. "Meta" (do grego, *ta meta*) – para além, depois; "Bio" (do grego, *ho bios*) – a vida; "Ótica" (óptica, do grego, *optewo*) (LIDDEL; SCOTT, 2007).

Isso provoca em mim ler a palavra metabiótica como: "Para além do que se vê [na/como] vida". Daí perguntamos o seguinte: o que existe, para além disso que é vida? Aqui poderíamos seguir Arthur C. Danto (1997, 2003, 2005), um pensador contemporâneo das artes visuais que tematiza mais uma vez a relação vida/pensamento. Para ele, a estética está para o domínio da vida assim como a arte estaria para o domínio do pensamento, ambos os domínios separados por um abismo (*gap*), ou seja, para além da vida, há o pensamento e a arte, porque dizem algo sobre a vida e refletem teoricamente sobre mundo, afirmando algo sobre ele (*aboutness*), na condição de isso ser dito de maneira incorporada (*embodied*).

2. "Meta" (do grego, *ta meta*) – para além, depois; "Bi" (do grego, *beta*, segunda letra do alfabeto, equivalente ao número dois, duplo); "Ótica" (óptica, do grego, *optewo*) (ver LIDDEL; SCOTT, 2007).

Agora, isso provoca em mim algo diverso: "Para além das duas visões". Daí perguntamos o seguinte: o que existe, para além das duas visões? Ou seja: o que existe para além do abismo entre vida e pensamento, entre estética e arte, se ainda insistíssemos com os pressupostos clássicos? Uma saída seria pensar, de acordo com as inovações fenomenológicas do século XX, a inclusão de um domínio dentro do/com base no outro; a vida no/desde o pensamento e o pensamento na/desde a vida. Com isso, certamente tentamos deixar de lado todo e qualquer abismo, mas e se a pergunta for pelo abismo tal e qual? Ou seja, se a pergunta pelo "para além" for a pergunta pelo abismo, pelo que separa vida e pensamento, arte e estética?



Figura 4 Metabiótica 11.

Crédito: Alexandre Orion<sup>5</sup>.

---

5 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/meta11.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

Partindo desse abismo, poderíamos perguntar pelo que é essa separação entre estética e arte, ou seja, tomamos como existente o abismo e perguntamos não mais pelo seu porquê, resposta que podemos ter da própria tradição clássica da filosofia ocidental. Perguntamos, sim, agora, pelo seu quê, pelo que tal abismo é. Aqui, deixamos de lado, também, Danto, que não se interessou por isso. Tal abismo, eu acredito, mostra-se nas relações de força presentes entre os continentes do espectador e do artista, na medida em que a obra está por acontecer, na medida em que ela pode ser vivida e não se tornar discurso, na medida em que pode não ser vida e ser discurso. Assim, esse abismo se mostra como uma prospecção, porque expectativas são geradas por ambos, gerando a probabilidade da construção desse espaço comunicacional da arte visual; e aqui retornamos, então, para o aspecto político do qual havia falado inicialmente. Insistir nesse aspecto na construção da imagem, pensando nela quase como um espectro, pode ser um caminho interessante, porque a imagem é, ao mesmo tempo, invisível e visível. Esse abismo é visível e invisível. A imagem é visível; mostra uma cena e permite que a vivamos ou a experimentemos de algum modo, com indiferença, humor, curiosidade, simpatia, gosto etc. A imagem é invisível; reflete sobre a (im)previsibilidade dos elementos que a compõem. As relações de força são, assim, visíveis e invisíveis, são *imagens* não da vida ou do pensamento, mas tão somente imagens a ser vistas em *Metabiótica*... Trata-se do conspecto *Metabiótica*:



Figura 5 Metabiótica 4.

Crédito: Alexandre Orion<sup>6</sup>.

## Public art, image and city between aesthetics and thinking: experiencing *Metabiotics*

**Abstract** – This essay aims to instigate thinking, living, and reflecting Alexandre Orion's *Metabiotics* (2002–2005). What is central to that introductory study is the relations of force within the creation process of images which constitutes and emerges from this work.

**Keywords:** Aesthetics. Politics. Image. Public art. Communication.

---

6 - Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/meta04.htm>>. Acesso em: 24 set. 2014.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- DANTO, A. C. *After the end of art*. Princeton: PUPress, 1997.
- DANTO, A. C. *The abuse of beauty*. Chicago: Open Court, 2003.
- DANTO, A. C. *Unnatural wonders: essays from the gap between art and life*. Nova York: Farrar – Straus – Giroux Ed, 2005. p. 3-18.
- DELEUZE, G. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto A. Munoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HEGEL, G. W. F. *Lições de Estética*. Tradução Marco A. Werle et al. São Paulo: Edusp, 2001. v. 1, p. 34-35.
- HEIN, H. What is public art?: time, place, and meaning. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 54. n. 1, p. 1-7, inverno 1996.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução Udo Moosburger e Valério Rohden. São Paulo: Abril, 1980 (1781/1787).
- KANT, I. *Crítica da faculdade de julgar*. Tradução Valerio Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense, 1990 (1790/1793).
- LIDDEL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-English lexicon*. Oxford: Simon Wallenberg Press, 2007.
- ORION, A. *Metabiótica*, 2005. Disponível em: <<http://www.alexandreorion.com/meta/>>. Acesso em: 3 abr. 2013.
- PLATÃO. *O Sofista*. Tradução Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril, 1983.
- TUGENDHAT, E. Ueberlegungen zur Methode der Philosophie aus analytischer Sicht. In: HONNETH, A. et al. (Org.). *Zwischenbetrachtungen im Prozess der Aufklärung*. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1989. p. 305-317.